

PRIMÓRDIOS DA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL – UM FOLHETO DE 1865¹

Vera Lúcia de LUNA E SILVA

Resumo: O ano de 1893 é apontado como marco inicial da literatura de cordel no Brasil, com a publicação dos primeiros folhetos de Leandro Gomes de Barros. No entanto, existe um folheto de autor desconhecido publicado em Recife, em 1865. A análise preliminar, que confronta este folheto com um folheto português de 1861, permite concluir que o de 1865, pelas suas características, é um folheto brasileiro e, portanto, o mais antigo de que se tem notícia.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Testamento; Origem.

Abstract: 1893 is considered to be the landmark of Cordel literature in Brazil, with the publishing of the first booklets by Leandro Gomes de Barros. However, there is a booklet by an unknown author published in Recife in 1865. The preliminary analysis, which confronts this booklet with a Portuguese booklet of 1861, allows us to conclude that the 1865 one, by its characteristics, is a Brazilian booklet, and therefore, the oldest one that we are aware of.

Keywords: Cordel literature; Will; Origin.

Pesquisas até agora divulgadas sobre os primórdios da literatura popular impressa, no Nordeste, apontam o ano de 1893 como a data provável em que Leandro Gomes de Barros teria publicado seus primeiros poemas (TERRA, 1983, p. 17). Esse ano passou então a marcar o início dessa literatura, atribuindo-se a Leandro Gomes de Barros o mérito de “fundador da popular literatura poética de cordel” no Brasil (CHAGAS BATISTA, Francisco das, 1929, p. 112).

É certo que Leandro Gomes de Barros foi o primeiro a imprimir regularmente folhetos, no entanto não se pode afirmar que foi o primeiro a publicar folhetos e em que ano isso se deu.

Sabe-se que a origem dessa literatura está vinculada às cantorias nordestinas, especialmente ao grupo de Teixeira, na Paraíba, e que ela surge a partir de modificações introduzidas nas cantorias. Segundo Sebastião Nunes Batista (1977, p. 23), os primeiros poemas escritos, principalmente histórias de bois como O Rabicho da Geralda, O Boi Espaço, Boi Surubim, Vaca do Burel, circulavam em cópias manuscritas. Igualmente em cópias manuscritas, foram registrados os poemas de cantadores famosos como Agostinho Nunes da Costa, Nicandro Nunes, Ugolino Nunes da Costa, Francisco Romano entre outros. Átila Almeida (1978) atribui a Silvino Pirauá as mudanças na cantoria que consistiam em substituir a quadra pela sextilha e a ideia de rimar histórias tradicionais. Já Câmara Cascudo (1979) afirma que Silvino Pirauá foi o iniciador do romance em verso com A História de Zezinho e Mariquinha e A História do Capitão do Navio. Por tudo isso, Silvino Pirauá de Lima assume também um papel relevante no início da literatura de cordel, embora ainda existam muitas dúvidas sobre a autoria da História do Capitão do Navio². São, portanto, Leandro Gomes de Barros e Silvino Pirauá de Lima os nomes mais citados quando se trata das origens da literatura popular impressa no Brasil.

¹Texto apresentado no “Seminário de Literatura de Cordel – memória, vozes e imagens”. João Pessoa – FUNESC, 4 a 6 de novembro de 1993.

² Confronte a esse respeito o estudo de Ruth Terra em **A Literatura de folhetos nos Fundos Villalobos**. São Paulo: IEB/USP, 1981.

Essas referências às origens da literatura de cordel no Brasil remetem-nos a Amadeu Amaral, estudioso do folclore brasileiro, no início do século passado, que deu uma contribuição das mais significativas, principalmente, ao manifestar uma preocupação com o rigor científico na pesquisa e ao tratar de questões como a especificidade da criação e difusão da cultura popular. Ele observou como é difícil e complexa a tarefa de examinar “questões de genealogia”, origem:

Essa especificidade (...) não se soluciona com o simples recurso da lógica, menos com os da imaginação adivinhadora; é indispensável antes de tudo procurar, coligir, cotejar materiais, muitos materiais acompanhados de informações exatas quanto à procedência; só do exame crítico desses materiais e dessas informações é que poderão ir surgindo os elos ocultos que restabeleçam o encadeamento procurado. Há certa analogia entre este caso e o estudo das etimologias, no qual a simples consideração das formas nada esclarece, tornando-se absolutamente insubstituível o elemento histórico e circunstancial. (*apud* AYALA, Marcos & AYALA, Maria Inez, 1987)

Nessa trilha, na busca de “elos ocultos” que revelem encadeamentos e esclareçam procedências; na linha da necessidade de “procurar, coligir, cotejar materiais”; na busca de informações mais exatas; e, principalmente, por constatar, pelas breves informações acima, que do ponto de vista documental, resta muito pouco, hoje, dos primeiros folhetos no Brasil é que merece ser melhor conhecido e divulgado o exemplar de um folheto impresso na Tipografia de F. C. Lemos e Silva, Rua do Imperador, nº 45, em Recife, 1865, que tem por título: **“Testamento que faz um macaco especificando suas gentilezas, gaitices, sagacidade, etc.”**³

Assim, o objetivo deste estudo é fazer uma análise do folheto brasileiro de 1865 (acima citado) e compará-lo a um folheto publicado em Lisboa, em 1861, intitulado **“Testamento do gallo augmentado com o Testamento da gallinha”** (Tipografia de Mathias José Marques da Silva, Rua do Ouro, nº 9 e 11).⁴

Os dois folhetos não trazem indicação de autor e apresentam, à primeira vista, muitas semelhanças temáticas, estilísticas e até de composição gráfica das capas.

A proposta deste trabalho consiste, então, em proceder a uma análise preliminar de aspectos convergentes e divergentes, especialmente no âmbito da linguagem, partindo-se da hipótese de que o folheto brasileiro de 1865 poderia ser um folheto português publicado no Brasil, com base nas semelhanças observadas.

Primeiramente, chama atenção a semelhança das capas dos folhetos, que apresentam a mesma disposição gráfica: na parte superior, o mesmo tipo de letra para a palavra inicial do título (Testamento); um grande destaque para o nome do animal pelo tipo de letra bem maior e com adornos; desenho centralizado – o de 1965, com a figura de um livro e duas violas cruzadas, e o de 1861, o desenho de um galo; na parte inferior, o local, data e nome da tipografia, não constando em ambos os folhetos indicação do nome do autor.

³A cópia Xerox desse folheto foi-me gentilmente cedida pelo pesquisador Orígenes Lessa, em 1982, na Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ).

⁴A cópia Xerox desse folheto foi obtida na Biblioteca Nacional de Lisboa pelo pesquisador Orígenes Lessa, em 1979, e está incompleta, faltando a segunda parte, “Testamento da gallinha”, e também foi-me cedida para estudos.

Em seguida, observa-se que apenas no folheto publicado em 1865, em Recife, consta um aviso do editor, intitulado “ao público” e consiste numa justificativa que finaliza com um apelo de “marketing”: “Não tendo mais quase nada de material para o bom ou mau desempenho dos testamentos, por ter esgotado a maior parte do pouco que sei...”

O autor também se desculpa pelo tom humorístico e pelo caráter brincalhão do folheto “...valime de algumas graçollas pouco dignas do respeitável publico, mas com tudo de algum interesse para aquella parte da população para a qual me dirijo e me vai ministrando com que comprar os melões...”

Finalmente, conclama o seu público a comprar o folheto: “Por tanto para que eu possa continuar, é necessário que esgotem a edição, porque assim me animarei a prosseguir estimando sempre que penna mais bem aparada corrija ou mesmo augmente os já publicados...”

Essa tradição de inserir avisos diversos nos folhetos populares manteve-se, posteriormente, verificando-se em quase todos os grandes autores de cordel como Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde entre outros. Do mesmo modo, manteve-se em alguns autores a referência à necessidade de venda do próprio folheto e até a indicação de seu preço, podendo eventualmente essa alusão fazer parte do poema, principalmente nos versos finais.

Quanto à temática geral, os dois folhetos inserem-se na linha do humor, gracejo e sátira. O veio temático dos testamentos jocosos é muito antigo na tradição europeia e muito popular, especialmente em Portugal e Espanha.

Idelette Muzart dos Santos (1981) verifica, pelas suas pesquisas, a universalidade e antiguidade do tema, evidenciando sua tradição oriental. Observa que o tema do testamento de animal popularizou-se na Península Ibérica pelas numerosas edições de **Isopo, o Isopete historiado**; pela publicação de um testamento em Córdoba, em torno de 1822; e, em Portugal, uma Collecção de Testamentos de Aves e Animães” da Bibliotheca Popular de Fernandes Possas ou Livraria Portuguesa, no Porto, aproximadamente em 1900.

Câmara Cascudo (1984, p. 78) refere-se à gesta de animais cujo sacrifício terminava pelo testamento do vencido, deixando carne, osso, gorduras para os perseguidores ou entidades regionais e cita Gustavo Barroso, que dá notícia de vários testamentos de animais no folclore da Bretanha em seu livro “**Através dos Folclores**”. É ainda Gustavo Barroso (*apud* CASCUDO, 1984) que registra a ocorrência no Ceará, nos sábados de Aleluia de antigamente, de um júri presidido por pessoas respeitáveis que tinham a incumbência de julgar o Judas. Infalivelmente ele seria condenado e em geral trazia seu testamento em “versos de pés-quebrados”, mencionando pessoas da comunidade com intenções satíricas, políticas ou humorísticas.

Esses versos de pé-quebrado, segundo Câmara Cascudo, prestam-se bem ao gênero satírico. “No pé-quebrado estão os Testamentos de Judas, os pelo sinais, a versalhada política de outrora” (1984, p. 75).

Na origem do tema Testamento, que ainda subsiste na literatura de folhetos no Brasil, situam-se, pois, os “Testamentos de Judas”, em que o apóstolo traidor fazia sua distribuição de bens de maneira humorística, revelando até alguns segredos íntimos; e os “Testamentos de animais”, de tradição secular.

Um dos mais antigos testamentos de que se tem notícia, na literatura popular brasileira, foi registrado por Câmara Cascudo (1984, p. 79) e lhe foi transmitido oralmente. Trata-se de um Testamento de 1886 de um político famoso do Rio Grande do Norte.

Permanece até hoje essa temática com a publicação, por exemplo, de “O Testamento de Getúlio Vargas” entre outros.

Quanto ao testamento de animais, sabe-se que Silvio Romero (*apud* CASCUDO, 1984, p. 78), em suas pesquisas, coligiu alguns tipos. É também bastante conhecida a história “**O Enterro do cachorro**” (que trata de um testamento), um dos romances populares que inspirou o **Auto da Compadecida** de Ariano Suassuna e que foi versada por Leandro Gomes de Barros, em folheto publicado em 1909, intitulado **O Dinheiro**.

Nos dois folhetos ora analisados, **Testamento do Galo** (1861, Lisboa) e **Testamento do Macaco** (1865, Recife), num tom jocoso, os animais passam a incorporar todas as características humanas (virtudes, vícios, atitudes, etc.). Essa transferência observa-se desde tempos imemoriais. Assim o fizeram, por exemplo, Esopo e Fedro e tem largo emprego nas diversas manifestações da cultura popular.

Veja-se exemplo do narrador descrevendo o macaco:

Imita bem ao invejoso
É igual ao avaro
Vive nesta oscilação
Não desperdiça um momento
.....

É mesmo um desacisado
Um volúvel inconstante
Tudo rápido aprecia
Não persevera um instante
(Testamento do Macaco, p. 7 e p. 11)

Para melhor comprovar essa projeção da psicologia humana no animal, observe-se uma relação de itens lexicais (substantivos e adjetivos) empregados em referência ao galo e ao macaco nesses folhetos:

1. MACACO: a) substantivos – sagacidades, meiguices, gravidade, oscilação, perspicácia, desteridade.
b) adjetivos – severo, pueril, forte, varonil, triste, alegre, juvenil, invejoso, avaro, inconstante, volúvel, desacisado, audaz, indigno.
2. GALO: a) substantivo – juízo.
b) adjetivos – elegante, pobre, atribulado, sizudo.

Numa primeira análise, verifica-se no folheto brasileiro um maior número de adjetivos que atribuem ao macaco características, às vezes contraditórias (“severo” e “pueril”; “triste” e “alegre”) e que vão traçando o seu “caráter”.

Passa-se agora à breve análise dos dois folhetos, constatando-se, inicialmente, que a 1ª estrofe do folheto **O Testamento do Macaco** (1865, Recife) revela que o autor já escreveu outros testamentos de animais:

Tendo feito a diferentes
Animais seu testamento
Justo é que o do macaco
Empreenda neste momento (p. 2)

A partir dessa primeira estrofe observa-se em todo folheto a referência ao macaco na 3ª pessoa:

Elle deixa suas manhas
 Seu embuste, e ar matreiro,
 Aquelle, que quando morto
 Seu corpo pegar primeiro (p. 14)

Já no **Testamento do Galo** (1861, Lisboa) é outro foco narrativo, predominando a 1ª pessoa. Apenas na primeira estrofe, quando o narrador apresenta o tema, refere-se ao galo na 3ª pessoa e em três estrofes no final, quando o autor emite conselhos gerais em tom moralizante e faz críticas às mulheres em tom satírico.

Já que estou em meu juízo
 Testamento quero fazer
 Para meus bens deixar
 A quem melhor me parecer (p. 3)

Do ponto de vista da rima e da métrica, os dois poemas são idênticos, inclusive quanto ao número de estrofes (44). Em ambos os folhetos, emprega-se a quadra (regra antiga e em desuso), estrofe de quatro versos, com o esquema de rima A B C B. Os versos são setissílabos, observando-se uma maior simetria no folheto publicado no Brasil.

Em relação à estrutura dos textos e às escolhas feitas, verifica-se que, no folheto publicado em Recife, as trinta estrofes iniciais apresentam uma extensa descrição do macaco; o testamento, propriamente dito, está discriminado em sete estrofes, cuja relação de bens é bastante reveladora do tom de gracejo deste folheto (manhas, embustes, as matreiro, macaquices, ar fagueiro e afável, obscenidade, ilusões, enganos, trapagens, bananinhas, cabo peludo, porquidade). Observa-se que, em certas estrofes, o cômico beira a obscenidade pelo uso de palavras com duplo sentido:

Deixa as bellas bananinhas
 Manjar que mais goste e ama
 A quella mulher que o tinha
 Bem conchegada na cama (p. 15)

Deixa enfim a porquidade
 Que onde habita sempre faz
 A quem o seu testamento
 Comprar ou moça ou rapaz” (p. 16)

No **Testamento do Gallo** (Lisboa, 1861), as seis estrofes iniciais consistem na sua despedida, seus lamentos; mais sete estrofes de conselhos as suas amigas galinhas e o testamento ocupando 15 estrofes em que estão relacionados os bens a serem destinados e que são, exclusivamente, partes do corpo (voz da garganta, crista vermelhinha e tão bela, penas do pescoço, penas do corpo, penas do rabo, unhas dos pés, pernas, bico, fígado, moela, papo, miolo das tripas, barbas, poleiro, corpo defunto).

Constata-se, no folheto português, um claro tom moralizante evidenciado pela expressão de conselhos, juízos e críticas perpassando 11 estrofes, como nos exemplos a seguir:

Um conselho quero dar-vos
 E vos fallo bem sizudo,

Que jugais quanto puderdes
Das festas do Entrudo (p. 4)

.....

Todo o pai que tiver filhas
E dote para lhe dar
Mett'as n'um convento
Ou trate de as cazar (p. 10)

No folheto publicado em Recife, essa preocupação moralizante é ocasional, revelando-se na crítica ao comportamento do macaco, como pretexto para sugerir punição a pessoas que agem de maneira idêntica:

Tornam-se mesmo indignos
De entre gente existir
Por que corrompem costumes
Fazem raiva ou fazem rir (p. 12)

Dão lugar a que gaiatos,
Tomando-os por seus modelos
Entre famílias honestas
Tornem-se mesmo flagelos (p. 13)

Como castigo aos “gaiatos” que tomam os macacos como modelos o autor sentencia:

Para, pois, não se dar isto
Mesmo muito bom será
Que esta canalha inquieta
Marche para Humayta

Mesmo por que de lá poucos
Para cá devem voltar
E quando voltem já devem
Moralisados estar (p. 13)

Essa referência a Humaitá, ao sugerir a punição ao gaiato é uma evidência indiscutível de que se trata de um folheto brasileiro. Como se sabe, Humaitá era um formidável sistema fortificado que bloqueava o Rio Paraguai, impedindo o acesso a Assunção. Até 1865, ano da publicação deste folheto, o Paraguai detinha a iniciativa das ofensivas militares e, certamente, notícias das dificuldades a serem enfrentadas pelos brasileiros chegavam até Recife. Ir, portanto, enfrentar os paraguaios em Humaitá, seria uma severa punição. O autor pune também a falta de patriotismo dos que não querem ir para a guerra:

Poeta onde vais parar?
O que pretendes fazer?
Do macaco o testamento
Ou maldades combater

Volta já cumpre o mandato
Ao macaco lembra a morte

Suas últimas vontades
Dize enfim em prosa ou motte (p. 14)

Concluindo essa brevíssima análise, pode-se afirmar, pelas evidências apresentadas, que o folheto de 1865, publicado em Recife, é realmente um folheto brasileiro. São muitas as semelhanças com o folheto português de 1861, que se justificam pela filiação direta, daí decorrendo a aproximação quanto ao tema, que é secular, e quanto às características formais. Divergem, no entanto, pelo tom contido, inocente e mais moralista do folheto português, contrapondo-se ao caráter irreverente e de uma comicidade maliciosa do folheto brasileiro.

No folheto publicado no Brasil, em 1865, “Testamento que faz um macaco especificando suas gentilezas, gaiatices, sagacidades, etc.”, já se observa uma transformação e adaptação do tradicional ao contexto histórico, social e político da época; já se desenha sutilmente a expressão do espírito brasileiro.

Referências

- ALMEIDA, Átila e SOBRINHO, José A. *Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada*. Vol I. João Pessoa: Universitária, Campina Grande, CCT, 1978.
- AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo: Átila, 1987.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. Natal: Fundação José Augusto, 1977.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Cinco livros do povo*. 2ª Ed. João Pessoa: Universitária, 1979.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo, Universidade de São Paulo, 1984.
- CHAGAS BATISTA, Francisco das. *Cantadores e poetas populares*. Paraíba: Popular Editora, 1929.
- SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Littérature populaire et littérature savante: Ariano Suassuna et le mouvement Armorial*. Thèse de Doctorat d’Etat. Paris: Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle, 1981, v. 2.
- TERRA, Ruth B. L. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste – 1893 – 1930*. São Paulo: Global, 1983.